



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB
INSTITUTO LETRAS-IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS-TEL

**A PERMANÊNCIA DOS COSTUMES DO BRASIL IMPERIAL
REPRESENTADA NAS PERSONAGENS DAS NARRATIVAS DO
SÉCULO XIX E XXI**

Autor: William Sales Soares dos Reis

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Helena Marques Ribeiro

Brasília,

2018

WILLIAM SALES SOARES DOS REIS

**A PERMANÊNCIA DOS COSTUMES DO BRASIL IMPERIAL
REPRESENTADA NAS PERSONAGENS DAS NARRATIVAS DO
SÉCULO XIX E XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Letras Português, na Universidade de Brasília.

Orientadora:
Prof^ª Dra. Lúcia Helena Marques Ribeiro

Brasília

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

A PERMANÊNCIA DOS COSTUMES DO BRASIL IMPERIAL REPRESENTADA NAS
PERSONAGENS DAS NARRATIVAS DO SÉCULO XIX E XXI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras Português da Universidade de Brasília.

Aprovado em 10/12/2018.

Lúcia Helena Marques Ribeiro

Prof^ª. Dra. Lúcia Helena Marques Ribeiro
Universidade de Brasília Orientadora

Dedico este trabalho à minha família,
meus amigos e os professores
que fizeram parte dessa jornada

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha professora e orientadora Lúcia Helena Marques Ribeiro, que me ajudou a formular a ideia e as etapas do trabalho, que me proporcionou uma nova perspectiva em relação ao estudo de literatura.

Agradeço a minha família, que sempre me deu apoio e principalmente a minha mãe, que sempre esteve ao meu lado.

Fico muito feliz por ter compartilhado essa jornada com meu grande amigo, Lucas Cardoso Cruz, e também com os amigos que fiz durante a graduação.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar possibilidades para
sua produção ou construção.”
Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a representação da figura do agregado em três romances de Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, *Casa Velha* e *Dom Casmurro*, observando a permanência dos costumes do Brasil Imperial na contemporaneidade. Para tanto, será também analisado o filme brasileiro *Que horas ela volta?*. O filme apresenta uma família típica do Brasil do século XXI e o convívio de diferentes classes sociais no ambiente familiar. Ao analisar as obras, encontram-se semelhanças com temas e personagens da obra machadiana. Também é destacado as diferenças do paternalismo do século XIX e as relações pessoais do século XXI.

Palavras-Chaves: agregado, costumes, permanência, classes sociais.

SUMÁRIO

Introdução	9
1 Classes sociais dentro do ambiente familiar no Brasil do século XIX e XXI	10
2 A representação do agregado	16
2.1 Permanência das relações paternalista na narrativa contemporânea	26
Considerações finais	32
Bibliografia	34

Introdução

A representação do agregado na literatura de Machado de Assis tem papel de destaque na obra do autor. Para entender esse tipo de personagem, temos que olhar para a história social do Brasil, e quais os instrumentos de dominação que o senhor tinha em relação ao agregado, os quais eram necessárias para a legitimação da sociedade paternalista.

Este trabalho escolheu três obras do escritor, *Iaiá Garcia*, *Casa Velha* e *Dom Casmurro*, destacando as diferenças de comportamento dos agregados, levando em conta a história do Brasil como uma das causas dessas transformações no período narrados pelos livros. Ao destacar cenas importantes dos romances, é possível identificar possibilidades e caminhos que o subalterno pode seguir na construção da relação de afeto com a classe superior, e também as estratégias e artimanhas usadas para escapar do confronto que a figura do senhor pode representar contra os interesses do agregado. Percebemos as diferentes maneiras de resistência que o agregado dispunha no século XIX para enfrentar o paternalismo.

A análise levou em consideração a fortuna crítica sobre Machado de Assis, destacando como o escritor trabalhava a história do Brasil em sua obra. Para tanto, críticos como Roberto Schwarz, John Gledson e Sidney Chalhoub foram consultados para sustentar essa interpretação da obra de Machado de Assis.

Também é analisado o filme *Que horas ela volta?*, uma obra contemporânea, para mostrar a permanência das relações de afeto entre classes diferentes dentro do ambiente familiar, como ocorriam no Brasil Império, e como elas ainda sobrevivem no Brasil contemporâneo.

1-As classes sociais dentro do ambiente familiar no Brasil do século XIX e XXI

Na Grécia antiga, diferentes de outras civilizações contemporâneas a ela, o ambiente intelectual foi instigado por questões que não necessariamente tinham relações diretas com o pragmatismo da vida social. A Grécia antiga contava com pensadores comprometidos também com o ser humano. Esse ambiente foi propício, portanto, para as grandes questões existenciais e metafísicas, como justiça, ética, moral e outros assuntos. Nesse meio surgiu o que hoje conhecemos como a Filosofia.

Dentro dessa grande gama de questões importantes para o indivíduo, a Literatura também é discutida pelos gregos. Aristóteles na *Poética* apresenta uma importante distinção entre Literatura e História:

É claro, depois do que foi dito, que a característica do poeta não é de relatar o passado real, mas antes o passado possível, levando em conta as possibilidades dos acontecimentos segundo as verossimilhanças e a necessidade dos encadeamentos. O historiador e o poeta, com efeito, não diferem pelo fato de um narrar em verso e o outro em prosa - poder-se-ia ter transcrito em versos a obra de Heródoto e ela não seria menos história em verso do que em prosa. A verdadeira distinção é a seguinte: um narra o que aconteceu, o outro aquilo que poderia ter acontecido.¹

Porém nos séculos XIX e XX, essa distinção começou a ser revisada, e os limites entre as duas disciplinas começaram a ser questionados. Os escritores do romantismo, com o intuito de estabelecer um espírito nacionalista, utilizam a história junto com a literatura para esse fim, esse movimento estético ficou conhecido como o Romantismo Histórico, e teve como representantes grandes escritores como Alexandre Herculano e Walter Scott, que retratavam eventos históricos significativos para a construção da identidade nacional e com isso faziam uma espécie de história literária da Nação, ou seja, eles aproveitavam eventos históricos do passado, ressignificam para o momento deles, e davam uma direção para o futuro do país, fazendo os seus leitores parte integrante do sentimento nacional que foi estabelecido ao longo do século XIX na Europa.²

1 ARISTÓTELES. *A Poética*. São Paulo: Contexto, 1988, p.144.

2 ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Lisboa: Edições 70, 2005,

Outro aspecto importante que a Literatura utilizou da História, foram as narrativas de costumes e classes sociais, começando pelos escritores românticos (Balzac, Stendhal e Victor Hugo) que tomaram com missão retratar os costumes de sua época, assim se distinguindo da História, que considerava apenas os “grandes acontecimentos” como dignos de formarem o conhecimento histórico do seu tempo. A História, assim como a Literatura, passou por mudanças no seus conceitos e metodologias, principalmente no século XX, com a Escola do Annales³, a qual tinha uma visão mais ampla sobre os eventos históricos, deixando de privilegiar eventos de grande impacto social, como guerras, revoluções ou grande tragédias, para também considerar eventos do cotidiano, como os costumes da época, as relações entre classe, aspectos até então ignorados pela História.

Assim, desconsiderar o contexto histórico da obra literária para focar apenas nos aspectos internos estruturais, é ter uma análise que desconsidera um rico campo investigativo para a literatura. Em seu livro, *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido discute o objetivo da crítica para uma interpretação da obra literária, assim o crítico chega a conclusão:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.⁴

Desse modo, é imprescindível levar em conta o contexto histórico do Brasil do século XIX para a análise da obra de Machado de Assis, pois se os eventos históricos e figuras representativas aparecem como plano de fundo do romance, Machado foi um escritor comprometido com o pressuposto que a literatura pode ser um modo de ler a história, como vários críticos vêm demonstrando esses aspectos em suas obras, principalmente depois da obra clássica de Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*⁵.

3 Escola dos Annales – A escola se contrapôs a historiografia baseada em instituições e nas elites, a qual dava muita relevância a fatos e datas, de uma forma positivista, sem aprofundar em grandes análises de estrutura e conjuntura. Assim os historiadores da Escola dos Annales passaram a utilizar a ciências sociais e antropologia em suas pesquisas históricas.

4 CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

5 SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2012.

Para compreender a história social do Brasil no século XIX, é necessário conhecer sua ideologia, o conceito que melhor exprime as relações da estrutura social é o paternalismo, Sidney Chalhoub a define como:

Há elementos suficientes em Machado para fundamentar uma definição convencional, por assim dizer, de paternalismo: trata-se de uma política de domínio na qual a vontade senhorial é inviolável, e na qual os trabalhadores e os subordinados em geral só podem se posicionar como dependentes em relação a essa vontade soberana. Além disso, e permanecendo na ótica senhorial, essa é uma sociedade sem antagonismos sociais significativos, já que os dependentes avaliam sua condição apenas na verticalidade, isto é, somente a partir dos valores ou significados sociais gerais impostos pelos senhores, sendo assim inviável o surgimento das solidariedades horizontais características de uma sociedade de classes.⁶

Os senhores também utilizavam outras formas de expressão de domínio, além da usar da força e violência, principalmente no caso dos escravos. Havia ainda outras estratégias de manutenção de poder, que eram utilizadas tanto para os cativos como para os agregados, uma delas está descrita no livro, *História da Vida Privada no Brasil*, no qual o historiador Robert W. Slenes escreve:

Da análise dessas vivências emerge o retrato de uma classe senhorial prepotente e frequentemente arbitrária. Mas sobretudo ardiloso: uma classe que brande a força e o favor para prender o cativo na armadilha de seus próprios anseios. Dentro de certos limites, os senhores estimulam a formação de laços de parentesco entre seus escravos e instituem, junto com a ameaça e a coação, um sistema diferencial de incentivos- no intuito de tornar os cativos dependentes e reféns de suas próprias solidariedades e projetos domésticos.⁷

Portanto, essa ideologia irá dominar as relações entre as classes sociais, porém é importante ressaltar que existe nos últimos anos, na pesquisa da história social, autores propondo formas de resistência e solidariedade entre as classes dominadas. Principalmente nas relações de apadrinhamento, muito comum naquela época; agregados e escravos se utilizam da influência das suas relações com a classe mais alta na hierarquia de poder, para alcançar um nível melhor na sociedade brasileira.

Assim sendo, nessa composição, o Brasil também vivia uma situação de marginalidade em relação ao contexto europeu, pois sua economia era totalmente voltada para o mercado externo, deixando poucas chances para uma mobilidade social através do trabalho.

6 CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.29.

7 SLENES, Robert W. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.236.

Na cidade essa oportunidade era ainda mais reduzida, pois a aquisição de terra para o plantio constituía em um importante meio de adquirir recursos e ascender socialmente. Na corte, com uma grande concentração de terras nas mãos de poucos senhores, era extremamente difícil conseguir terras para o arrendamento, prática comum da época para adquirir capital monetário, já que a indústria ainda era incipiente no Brasil.

Outra característica importante que esse estado de marginalização nos impõe são as contradições na intelectualidade brasileira, pois os princípios ideológicos da burguesia europeia desse momento, como a liberdade de trabalho, a igualdade perante a lei e o universalismo, eram conceitos criados naquele ambiente e aplicável para aquela estrutura de sociedade, diferente do Brasil, onde não havia nem trabalho livre, pois a escravidão dominava as relações trabalhistas; o universalismo também não era aplicável nas terras tupiniquins, o *favor* servia como moeda universal nas relações de poder, assim mediava os cargos dos serviços públicos, administração, comércio e etc. Mesmo profissionais liberais, que na acepção europeia não deviam nada para ninguém, como médicos, operários da construção civil e tipógrafos, dependiam do favor para a garantia da segurança de sua profissão. A percepção dessas contradições na intelectualidade brasileira é apresentada por Roberto Schwarz, como a ideia do *favor* como mediador das relações sociais e a relação entre o homem livre com o senhor de escravos.

No Brasil do século XIX, havia três classes sociais estabelecidas: o latifundiário, que era o detentor do capital político e econômico do Brasil; o homem livre, que com as poucas oportunidades de ascensão social através do trabalho, tinha que recorrer ao favor do senhor para prosperar; e a base da mão-de-obra do nosso país, os escravizados. Essa legião de agregados junto com os seus senhores latifundiários formavam o local onde ocorre nossa vida ideológica.

Para entender como o favor se estabelece na contradição das ideias europeias na civilização brasileira, Roberto Schwarz escreve:

O escravismo desmente as ideias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e descola, originando um padrão particular. O elemento de arbítrio, o jogo fluido de estima e autoestima a que o favor submete o interesse material, não podem ser integralmente racionalizados. Na Europa, ao atacá-los, o universalismo visava o privilégio feudal. No processo de sua afirmação histórica, a civilização burguesa postulava a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho etc.- contra as prerrogativas do *Ancien Régime*. O favor, ponto por ponto, pratica

a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais. Entretanto, não estávamos para a Europa como o feudalismo para o capitalismo, pelo contrário, éramos seus tributários em toda linha, além de não termos sido propriamente feudais- a colonização é um feito do capital comercial.⁸

Com isso, as contradições das ideias europeias fazia-se presente nos campos da intelectualidade brasileira, porém na vida prática, pouco influía, pois as condições de marginalidade as quais se encontrava o Brasil, condicionava as relações sociais a tal ponto que essas ideias contraditórias puderam fazer parte da sociedade brasileira sem grandes oposições. Aí, o favor tem papel fundamental para a manutenção dessas oposições dentro do corpo social, pois a massa revoltada que deveriam ser os homens livres, na configuração brasileira se transformaram em beneficiários da bondade do latifundiário, benefícios muitas vezes maiores que o dinheiro propriamente dito. Um exemplo dessa relação aparece no conto “A Parasita Azul”, de Machado de Assis. Na história, o agregado da família de Isabel, a protagonista da história, revela o segredo da mocinha para o protagonista Camilo, segredo esse que esclarece ao moço o motivo da recusa de Isabel e ao mesmo tempo, possibilita ao herói a conquista da personagem. O motivo da recusa era que a moça amava um amigo de infância, que havia colhido uma flor, parasita azul, para ela quando ainda era criança, motivo pelo qual ela recusa todos os pretendes. O rapaz que colheu a flor era Camilo. No diálogo entre o agregado e Camilo, percebemos como o favor operava, onde o dinheiro não era a motivação principal:

Sabedor daquela novidade ardia o médico por voltar à casa, donde saíra havia tanto tempo. Meteu a mão na algibeira, abriu a carteira e torou uma nota de vinte mil réis.

– O serviço que me acaba de prestar é imenso, disse ele; não tem preço. Isto, porém é apenas uma lembrança...

Dizendo estas palavras, estendeu-lhe a nota. O desconhecido riu-se desdenhosamente sem responder palavra. Depois, estendeu a mão à nota que Camilo lhe oferecia, e, com grande pasmo deste atirou-a ao riacho. O fio d’água que ia murmurando e saltando por cima das pedras, levou consigo o bilhete, de envolta com uma folha que o vento lhe levava também.

– Deste modo, disse o desconhecido, nem o senhor fica devendo um obséquio, nem eu recebo a paga dele. Não pense que tive tenção de servir a V.S.; não. Meu desejo é fazer feliz a filha do meu benfeitor. Sabia que ela gostava de um moço, e que esse moço era capaz de a fazer feliz; abri caminho para que ele chegue até onde ela está. Isto não se paga; agradece-se apenas.⁹

8 SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2012.p.17.

9 ASSIS, Machado. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. II, 1993

Assim, Schwarz (2000) ao final do artigo, *Ideias fora do lugar*, mostra a importância da literatura para captar essas contradições de ideias e a figura do agregado, para o crítico:

Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. O escritor pode não saber disso, nem precisa para usá-las. Mas só alcança uma ressonância profunda e afinada caso lhes sinta, registre e desdobre- ou evite o descentramento e a desafinação.¹⁰

Machado de Assis percebia essas relações como também tinha um compromisso com, história do Brasil engajamento esse apresentado por John Gledson no livro, *Machado de Assis: Ficção e História*¹¹. Assim “o crítico demonstra, num procedimento sistemático de decifração de alusões e alegorias, que o romancista comentou intensamente as transformações sociais e políticas de seu tempo”. Outro crítico importante que levanta essas questões sociais na obra de Machado, é Antonio Candido no artigo, “Esquema Machado de Assis”, no qual ele resume a várias abordagens da crítica que o escritor teve ao longo do século XX, em uma dessas abordagem crítica, a última o autor do artigo apresenta uma vertente das abordagens críticas:

...transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. Este tema é um dos demônios familiares da sua obra, desde as formas atenuadas do simples egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária.¹²

Essas relações não desapareceram totalmente da sociedade brasileira ao longo do século XX e no início do século XXI, especialmente a representação do agregado, figura ligada também a uma relação de afeto. Ela encontra algumas ressonâncias na figura da empregada doméstica no Brasil contemporâneo. O trabalho da empregada doméstica ao longo do último século ocorreu de maneira muito diferente em relação a outras profissões, pois o seu local de trabalho é o ambiente familiar, e como vimos o Brasil tem um longo histórico de classes sociais diferentes convivendo no mesmo ambiente familiar.

Se por um lado o trabalho da empregada doméstica é desvalorizado socialmente, perpetuando várias práticas excludentes, como a baixa remuneração, ampla jornada de

10 Schwarz, Robert. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2012, p.29.

11 GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.12.

12 CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970,

trabalho e contratação às margens da legalidade. O artigo de Dayane Rose Silva (2015, p.01) resume as origens do trabalho doméstico no Brasil:

O trabalho doméstico no Brasil teve sua origem no período de escravidão e era exercido por crianças, homens e mulheres negros, em geral escravos vindos da África. Laboravam em jornadas extensas, recebendo em troca apenas uma cama para poucas horas de descanso e restos de comida do patrão, não lhes sendo permitido adoecer. Raramente havia folga.¹³

Por outro lado, o trabalho doméstico é extremamente importante para a funcionalidade do lar, pois as funções exercidas pelas empregadas vão muito além de relações trabalhistas. Há também uma importante relação de afeto, na qual a empregada cuida da família do patrão, às vezes, deixando de lado a sua própria família. Então as relações de trabalho são mais complexas no caso da empregada, ganhando até legislação própria com a Lei complementar Nº 150, de 1º de junho de 2015, a qual regulamenta a profissão.

2-A representação do agregado

O romance *Iaiá Garcia*¹⁴ foi primeiramente lançado em folhetim no jornal *O Cruzeiro*, em 1878, e no mesmo ano foi publicado a sua versão em livro. Machado de Assis já acumulava anos de uma vida literária produtiva, tendo em sua carreira literária, publicado três livros até aquele momento. Pouco mais de três anos depois de *Iaiá Garcia*, Machado irá publicar sua grande obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹⁵. Para os críticos literários que consideram a obra do escritor dividida em duas fases, *Iaiá* seria o último livro de sua fase “romântica”. Essa visão é questionada por John Gledson, em seu ensaio sobre o conto *A parasita azul*, no qual ele analisa personagens e aspectos do enredo, e relaciona com outros livros da fase realista do autor fluminense, com isso chegando a conclusão diferente da visão dos críticos que consideram a obra de Machado de Assis dividida em duas fases. O crítico inglês vê uma continuidade em toda a carreira literária, propondo até uma certa consciência em sua produção, ou seja, Machado não mudaria seu estilo de maneira drástica em apenas três

13 Silva, Dayane Rose. *Trabalho doméstico no Brasil: os avanços trazidos pela Lei Complementar 150/15*

14 ASSIS, Machado. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

15 _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

anos, e sim , continuaria questões trabalhadas nos romances anteriores, tornando mais complexos os enredos e personagens nos romances posteriores.

Assim, o enredo de *Iaiá Garcia*, mostra um desencanto com a sociedade paternalista, porém sem nenhum confronto ou insubordinação, por parte dos dependentes. O romance começa com um recado de Valéria para Luís Garcia “Sr. Luís Garcia — Peço-lhe o favor de vir falar-me hoje, de uma a duas horas da tarde. Preciso de seus conselhos, e talvez de seus obséquios. — Valéria.”¹⁶

No primeiro capítulo, temos a introdução do personagem Luís Garcia, o qual leva uma vida retraída na comodidade de seu lar, com a companhia apenas de sua filha Iaiá e o liberto Raimundo. Luís não busca favores e nem estabelece relações de paternalista com ninguém além de Valéria, a relação entre os dois é descrita assim:

Valéria Gomes era viúva de um desembargador honorário, falecido cerca de dous anos antes, a quem o pai de Luís Garcia devera alguns obséquios e a quem este prestara outros. Opulenta e grande senhora, não havia entre eles relações assíduas ou estreitas; mas a viúva e seu finado marido sempre o tiveram em boa conta e o tratavam com muito carinho. Defunto o desembargador, Valéria recorrera duas ou três vezes aos serviços de Luís Garcia; contudo, era a primeira vez que o fazia com tamanha solenidade.¹⁷

Dessa forma, já nos primeiros capítulos do livro observamos a relação entre Luís Garcia e Valéria, relação ao na qual o agregado demonstra certa autonomia, com o pedido da viúva para um favor em relação ao seu filho Jorge. Luís tenta mostrar resistência, porém cede ao pedido, o qual era convencer o filho da viúva a servir na Guerra do Paraguai, evento histórico para o qual é dedicado todo um capítulo do livro, mas tem pouca relevância para a história principal da trama:

—Sr. Luís Garcia, disse a viúva; esta guerra do Paraguai é longa, e ninguém sabe quando acabará. Vieram notícias hoje?

— Não me consta.

— As de ontem não me animaram nada, continuou a viúva depois de um instante. Não creio na paz que o Lopez veio propor. Tenho medo que isto acabe mal.

— Pode ser, mas não dependendo de nós...

— Por que não? Eu creio que é chegado o momento de fazerem todas as mãos um grande esforço e darem exemplos de valor, que não serão perdidos. Pela minha parte trabalho com o meu Jorge para que vá alistar-se como voluntário; podemos arranjar-lhe um posto de alferes ou tenente; voltará

16 _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p.393.

17 Idem, p. 399.

major ou coronel. Ele, entretanto, resiste até hoje; não é falta de coragem nem de patriotismo; sei que tem sentimentos generosos. Contudo, resiste...

— Que razão dá ele?

Diz que não quer separar-se de mim.

— A razão é boa.

— Sim, porque também a mim custaria a separação. Mas não se trata do que eu ou ele podemos sentir: trata-se de cousa mais grave, — da pátria, que está acima de nós.¹⁸

Desse modo, depois de algumas páginas descobrimos a razão para o pedido de alistamento de Jorge no exército brasileiro, o rapaz amava a agregada, Estela, moça que sua mãe tinha grande estima e gostava de sua presença na casa da família. O protagonismo, Jorge, parte para a conquista da moça, porém todos os seus gestos são deixados sem respostas, gestos que são percebidos por todos ao seu redor, Mesmo com a falta de retribuição por parte de Estela, o moço não desiste de sua conquista, assim passa a frequentar a casa da agregada, estreitando as relações com o Pai de Estela, o Sr. Antunes, personagem que era amigo de seu pai e viu com bons olhos a aproximação de Jorge e sua filha. Mas nem isso fez amolecer o coração de Estela, a moça se mostrou inflexível diante das investidas do mancebo. Assim, diante das recusas, Jorge confronta Estela frente a frente, e esse confronto acontece em uma visita a qual Valéria leva os dois para acompanharem a situação de uma de suas casas, que se encontrava em estado de abandono. Os dois jovens encontram um casal de pombos na varanda, fazendo com que fiquem a sós:

— É animosa! Saiba que posso vir a odiá-la e que talvez já a odeio; saiba também que posso tirar vingança de seus desprezos, e chegarei a ser cruel se for necessário.

Estela suspirou apenas, e foi encostar-se ao parapeito, a olhar para a chácara. Era sua intenção não irritá-lo, com a resposta seca e má que lhe ditava o coração, e esperar que Valéria descesse. Entretanto, na posição em que ficara tinha as costas voltadas para Jorge, circunstância que não era intencional, mas que pareceu a este um simples meio de lhe significar o seu desdém. A irritação de Jorge foi grande. Após uns dous ou três minutos de silêncio, Jorge caminhou na direção do parapeito, onde estava Estela, com a cabeça inclinada, a beijar a cabeça dos pombos, que tinha encostados ao seio.

Deteve-se, sem que a moça mudasse de posição. Contemplou-a ainda um instante, e se Estela olhasse para ele veria que a expressão dos olhos era de respeitosa ternura e nada mais. Esse instante, porém, voou depressa, e com ele a consideração. Inclinando-se para a moça, Jorge afetou um modo que não era nem de sua educação nem de sua índole, mas só do despeito, que lhe fazia ferver o sangue naquela hora cruel; inclinou-se e disse:

— Por que há de gastar, com esses animais, uns beijos que podem ter melhor emprego?¹⁹

Depois desse ataque contra Estela, o rapaz fica envergonhado de sua atitude e decide se redimir aos olhos da moça. Assim ele obedece a mãe e se alista no exército para participar da Guerra do Paraguai. Na obra, o evento não ganha importância maior para a história,

18 Idem, p.400.

19 Idem, p.413.

servindo para uma crítica para a falta de espírito patriótico de Valéria, pois ela apenas alista o filho para afastá-lo de sua amada. Durante a guerra, Jorge recebe uma carta de Luís Garcia, na qual estava escrito: “... Resta-me dizer-lhe, se em alguma coisa lhe pode interessar minha vida, que sábado passado contrair segundas núpcias. Minha mulher é a filha do Sr. Antunes. Sua mãe serviu-nos de madrinha.” (p.423). Com a carta, é revelada a trama da mãe de Jorge. Ela aproveitou a guerra para casar Estela, para afastar todas as possibilidades de casamento entre os dois.

Valéria morre logo depois, tendo cumprido todas as suas vontades, em relação ao filho e a agregada, as ações da viúva não causam grande transtornos nos dependentes, não há nenhuma revolta ou mágoa em torno de sua figura, não há nenhum personagem que possa confrontá-la, portanto, as suas vontades são absolutas. Com o final da guerra, Jorge volta para o Rio de Janeiro, e tenta evitar a casa de Luís Garcia. Esse afastamento dura pouco tempo, pois Luís está doente, levando Jorge à casa de sua antiga amada, proporcionando um cenário para a volta de sua antiga paixão. Há um calculismo frio por parte de Jorge, que pensa em herdar o antigo afeto, com a morte de Luís Garcia.

Nesse momento, Iaiá ganha destaque na trama, a personagem está no final de sua adolescência e desperta o interesse do Sr. Procópio Dias, uma espécie de vilão do enredo. Homem com baixas qualidades morais, ele conhece Jorge na guerra, e passa a frequentar a casa de Luís Garcia, seu conhecido, durante o estado de debilidade do marido de Estela. As relações de Iaiá com Jorge começam a se intensificar, gerando interesse amoroso por parte da jovem moça. Porém uma cena no gabinete de Luís revela o passado da madrastra. Estela e seu marido estavam arrumando os papéis na sala, quando Luís achou uma carta de Jorge, na qual ele comentava sua paixão com uma moça, Luís não sabia que a moça era sua esposa, assim entrega a carta para ela, que não consegue segurar a sua emoção ao ler a carta, nesse momento Iaiá se depara com essa a cena:

Defronte, Iaiá tinha os olhos cravados na madrastra. Ouvira a princípio o nome de Jorge e não lhe prestara muita atenção; mas uma ou duas palavras soltas do pai haviam-lhe despertado a curiosidade. Iaiá ergueu a cabeça, inclinou-a depois, ouviu a confidência do pai, não obstante ser feita em voz baixa, e enfim não retirou mais os olhos de Estela. Viu-a receber a carta, com a mão trêmula; viu-a a empalidecer ainda mais; viu-lhe a confusão e o enleio. Por que o enleio e a confusão? Um amor extinto de Jorge, uma paixão que o levara à guerra, que tinha ela, que tinham eles três com isso?

Iaiá olhou a princípio com curiosidade, depois com espanto, até que os olhos luziram de sagacidade e penetração. O estilete que eles escondiam desdobrou a ponta aguda e fina, e estendeu-a até ir ao fundo da consciência de Estela.

Era um olhar intenso, aquilino, profundo, que palpava o coração da outra, ouvia o sangue correr-lhe nas veias e penetrava no cérebro salteado de pensamentos vagos, turvos, sem ligação. Iaiá adivinhou o passado de Estela; mas adivinhou demais. Galgou a realidade até cair no possível. Supôs um vínculo anterior ao casamento, roto contra a vontade de ambos, talvez persistente, mau grado aos tempos e às cousas. Tudo isso viu uma simples inocência de dezessete anos. Seu pensamento cristalino e virginal, nunca embaciado pela experiência, ignorava até as primeiras cismas de donzela. Não tinha ideia do mal; não conhecia as vicissitudes do coração. Jardim fechado, como a esposa do Cântico, viu subitamente rasgar-se lhe uma porta, e esses dez minutos foram a sua puberdade moral. A criança acabara: principiava a mulher.²⁰

Assim, Iaiá passa a suspeitar de sua madrastra, como também Procópio Dias suspeita que as visitas de Jorge são mais do que apenas uma preocupação com o estado de saúde de Luís, por causa disso, Procópio interroga o protagonista em relação a suas intenções para as moças daquela casa, diante da negativa de Jorge, o vilão revela seu interesse em Iaiá, e pede ajuda ao participante da Guerra do Paraguai. Com isso, está montando o cenário da parte final da obra.

Jorge começa a se interessar por Iaiá; o autor retrata o esquecimento da antiga paixão:” Um homem sacrifica o repouso, arrisca a vida, afronta a vontade de sua mãe, rebela-se, e pede a morte; e essa paixão violenta e extraordinária acaba às portas de um simples namoro, entre duas xícaras de chá”...(p.504). Portanto, tudo o que poderia abalar aquela ordem social, é simplesmente levado ao esquecimento, e as classes previamente estabelecidas continuam suas relações de dependência, sem nenhuma alteração.

No final do livro, Luís Garcia morre, deixando Estela sozinha, mas Jorge agora amava Iaiá, com isso o casamento dos dois já estava marcado, enquanto a situação de Estela estava indefinida, sua presença causa um desconforto na afilhada. Dessa forma, Estela se apressa para resolver sua situação, com isso a moça arruma um emprego de professora em São Paulo, mas antes ela tem um diálogo com seu pai:

Depois contou-lhe a paixão de Jorge e todo o episódio da Tijuca, causa originária dos acontecimentos narrados neste livro; mostrou-lhe com calor, com eloquência, que, recusando ceder à paixão de Jorge, sacrificara algumas vantagens ao seu próprio decoro; sacrifício tanto mais digno de respeito, quanto que ela amava naquele tempo o filho de Valéria. Que pedia agora ao pai? Pouca e muita cousa; pedia que a acompanhasse, que cessasse a vida de

dependência e servilidade em que vivera até ali; era um modo de a respeitar e respeitar-se. O pai escutava-a atônito.

— Tu chegaste a amá-lo! exclamou ele. Não o aborrecias? Amaram-se? E só agora sei... Bem digo eu; tu és uma fera. Não tens, nunca tiveste pena de minha velhice... Ele é tão bom! tão digno! E se morresse por tua causa? não terias remorsos? não te havia doer o coração quando soubesses que um moço tão bem-nascido, que gostava de ti... Sim, ele gostava muito de ti; e tu também... e só hoje!²¹

Dessa maneira, a narrativa acaba com Estela mantendo sua convicção e renunciando seu amor por Jorge, de modo que o paternalismo no livro não é questionado, já que todos os personagens têm consciência dessa relação de poder e aceita sem grande resistência. Mesmo Estela e Jorge que não buscam essas relações pessoais, também não fazem nada para confrontá-la chegando até a abdicar do amor. No livro, o sentimento não consegue separar a distância do nascimento, esquecendo todas as suas tramas que poderiam gerar confrontos, para acabar de maneira conformista.

Outra narrativa que também aborda a representação do agregado na obra de Machado de Assis, é a obra *Casa Velha*²² publicado pela primeira vez na revista carioca, *A Estação*, nos anos de 1885 e 1886, permanecendo esquecido durante várias décadas, assim sendo, só foi republicado em 1944, por Lúcia Miguel-Pereira, inclusive deve-se a ela o nosso conhecimento da obra, pois a crítica literária teve que buscar nos vinte e cinco números da revista, todas as partes do romance. Um dos motivos da falta de interesse por esse livro pode ser explicado pela narrativa simples, pois Machado aparentemente volta a sua “fase romântica”, ou seja, retoma tema e formas dos livros anteriores a *Brás Cubas*. A história possui muitas similaridades com dois romances anteriores de Machado, *Helena*²³ e *Iaiá Garcia*. Em todos os três romances, o tema central é o amor entre o rico rapaz, herdeiro da família, e a jovem moça pertencente ao seu clã doméstico; ainda possui semelhanças quanto às narrativas dos livros: em relação ao primeiro, o tema do incesto entre os protagonistas; e no segundo, a figura central de uma mãe dominadora, que usa todos os recursos, inclusive a mentira, para separar os dois amantes. Com todos esses aspectos considerados, a própria crítica que organizou *Casa Velha*, considerou esse texto de Machado como anterior à publicação de *Memória Póstumas de Brás Cubas*, e só foi lançado posteriormente devido a obrigações contratuais. Porém não se pode encontrar nenhuma prova concreta em relação essa afirmação, e numa análise mais

21 Idem, p.508.

22 ASSIS, Machado. *Casa velha*. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994..

23 _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

profunda sobre esse texto, é possível ver características que estão de acordo com a visão de mundo do Machado pós- Brás Cubas. Uma análise pertinente sobre a narrativa de *Casa Velha*, está em um ensaio escrito por John Gledson, no livro *Machado de Assis: Ficção e História*, no qual o crítico inglês nos demonstra uma profundidade na narrativa aparentemente simples do enredo, relacionando o livro com a história e a política do Brasil, portanto. Com as alegorias propostas por Machado ou tiradas da interpretação do crítico, o livro ganha uma complexidade para a análise das próprias relações pessoais no contexto familiar.

O narrador do romance é um velho cônego da Capela Imperial, que lembra os eventos ocorridos na sua juventude como padre, no ano de 1839, ou seja, um ano antes da posse de D. Pedro II. O jovem padre de trinta e dois anos, queria escrever uma história do Primeiro Reinado, para isso, frequenta a casa Velha, local dos acontecimentos da narrativa. A casa lembra um castelo aristocrático autossuficiente; a chefe da família é Dona Antônia, viúva de um ex-Ministro de D. Pedro I, seu filho Félix e sua agregada que ficou órfã anos antes, Lalau. O aparecimento do padre na casa velha se deve ao fato do falecido marido de Antônia ter sido ministro, com isso, o Padre procura documentos para compor a história do Primeiro Reinado. A trama começa a se desenvolver quando Dona Antônia pede ajuda ao padre para convencer seu filho a embarcar em uma viagem para Europa. Nesse diálogo, fica claro que intenção da viúva é separar seu filho de Lalau, algo que o padre percebe e procura persuadir a chefe da família a aprovar o casamento entre os dois. Na cena, há um acontecimento importante na conversa entre os dois, a seguinte cena é assim apresentada:

Interrompi-a nesse ponto. Ela esperou; eu, depois de fitá-la por alguns instantes, disse-lhe que a viagem, com efeito, podia ser útil, mas que os costumes do moço eram tão caseiros que dificilmente se ajustariam às peregrinações; salvo se adotássemos um meio-termo: enviá-lo casado.

— Não se arranja uma noiva com um simples baú de viagem, disse ela.

— Está arranjada.

D. Antônia estremeceu.

— Está aqui perto; é a sua boa amiga e pupila.

— Quem? Lalau? Está caçoando. Lalau e meu filho? Vossa Reverendíssima está brincando comigo. Não vê que não é possível? Casá-los assim como um remédio? Falemos de outra cousa.

— Não, minha senhora, falemos disto mesmo.

D. Antônia, que dirigira os olhos para outro lado, quando preferiu as últimas palavras, levantou a cabeça de súbito, ao ouvir o que lhe disse. Creio que, depois da morte do marido, era a primeira pessoa que lhe fazia frente. Olhou-me espantada. Estava tão acostumada a governar ali, naquele mundo insulado, sem contraste nem advertência, que não podia crer em seus ouvidos. O Padre Mascarenhas dissera-lhe uma vez, ao almoço, que ela era a imperatriz da Casa Velha, e D. Antônia sorriu lisonjeada, com a ideia de ser

imperatriz em algum ponto da terra. Não batia com o cetro em ninguém, mas estimava saber que lho reconheciam.²⁴

Por essa cena, é possível ver o paternalismo sendo confrontado de maneira explícita, algo que não ocorreu no romance *Iaiá Garcia*, pois todas as vontades de Valéria foram atendidas sem confronto. Esse questionamento é importante para perceber os limites que um homem livre tem na sociedade brasileira da época. Assim o padre aparece com certa autonomia em relação a viúva, portanto ele pode continuar a pressioná-la em uma busca de uma resposta, portanto Antônia se vê acuada diante da insistência do eclesiástico e utiliza uma mentira para convencê-lo, ela induz ao padre a acreditar que os dois jovens apaixonados eram irmãos, dessa maneira acaba convencendo o padre, e lhe pede o favor de ajudá-la a separar Félix e Lalau. Há uma fala durante esse diálogo que permite uma interpretação histórica:

—Vejo que está informado de tudo, disse ela depois de um breve instante de silêncio.

Conspiram contra mim. Bem; que quer de mim Vossa Reverendíssima? Que meu filho case com Lalau? Não pode ser.

— E por que não pode ser?

—Realmente, não sei que idéias entraram por aqui depois de 31. São ainda lembranças do Padre Feijó. Parece mesmo achaque de padres. Quer ouvir por que razão não podem casar? porque não podem. Não lhe nego nada a respeito dela; é muito boa menina, dei-lhe a educação que pude, não sei se mais do que convinha, mas, enfim, está criada e pronta para fazer a felicidade de algum homem.

Que mais há de ser? Nós não vivamos no mundo da lua, Reverendíssimo. Meu filho é meu filho, e, além desta razão, que é forte, precisa de alguma aliança de família. Isto não é novela de príncipes que acabam casando com roceiras, ou de princesas encantadas. Faça-me o favor de dizer com que cara daria eu semelhante notícia aos nossos parentes de Minas e de S. Paulo?²⁵

Aqui percebemos a dimensão histórica da trama, é importante ter consciência que o enredo se passa durante o ano de 1839, porém o cônego está décadas à frente, escrevendo a história que ocorreu em seu passado. Assim, podemos perceber que já há uma interpretação da história do Brasil por Machado de Assis, pois quando o escritor evoca o passado, há necessariamente uma interpretação dos fatos históricos, pois não existe uma história integral e totalizante dos eventos, portanto necessariamente a história chega de maneira fragmentada e parcial. Aqui podemos perceber como o escritor compreende certos fatos históricos do Brasil.

24 ASSIS, Machado. *Casa velha*. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994.,

25 *Idem*, p.69.

Essa percepção da história brasileira é apontada por certos críticos literários que as destacam na obra do autor. Essa percepção dos críticos nos mostram a preocupação que Machado tinha com a história do Brasil. Ao observar esses aspectos em sua obra, podemos observar o paternalismo e as relações de favor nas práticas cotidianas da sociedade civil, e também perceber que essas relações passam por transformações, e como os acontecimentos históricos influenciam diretamente nas estruturas de organização dessa sociedade. A obra do escritor é capaz de demonstrar como esses fatos históricos influenciam nas transformações dessas relações.

Como é conhecido, o ano de 1831 é o início da Regência brasileira, com a regência Trina Provisória (1831), os regentes eram Lima e Silva, Senador Vergueiro e Marquês de Caravela. Nesse período, O Brasil não tinha um imperador, pois Dom Pedro I abdicou de seu reinado, para disputar com seu Irmão, Miguel I, o reinado de Portugal. Consequentemente o Brasil ficou com os três regendo no poder, pois o seu filho ainda era uma criança, assim sendo, o país foi governado até o ano de 1840 por vários Regentes. Durante esse período de nove anos aconteceram inúmeras revoltas, as mais famosas foram: Cabanagem, Balaiada e Sabinada. A revolução farroupilha é mencionada brevemente em uma fala do padre; esse período de revolta também abalava as estruturas sociais, assim podemos inferir da fala de Dona Antônia que depois de 1831 a confusão histórica também influenciava a relação paternalista brasileira.

Essa leitura da história brasileira na literatura de Machado de Assis é apresentada por vários críticos, Sidney Chalhoub (2003) relaciona momentos da história brasileira, com a narrativa machadiana, assim ele propõe alegorias históricas nos romances do escritor. Um exemplo, está na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na qual a relação de adultério entre Brás Cubas e Virgília, uma relação que o protagonista mantém com um certo orgulho e têm pouca disposição para mantê-la no anonimato. Ela logo ficou conhecida por todos ao seu redor, logo a infidelidade é descoberta. Para o crítico, essa situação de ostentação de uma relação vergonhosa aos olhos do público poderia fazer alusão a nossa elite brasileira no mesmo período em que ela é narrada no romance, o adultério acontece durante a década de 1840, tempo em que elite brasileira tinha que “esconder” o tráfico dos escravizados da África, pois o mesmo foi proibido pela Lei Feijó de 1831. Assim durante dezenove anos o tráfico, apesar de ilegal era praticado sem grandes problemas no Brasil, a elite brasileira era conivente e consumidora desse tráfico. Para acabar com essa situação vergonhosa para o país, a elite precisava recuperar sua moral e respeitar as leis, para isso, foi preciso sancionar a Lei

Eusébio de Queirós de 1850, a mesma data serve para uma espécie de regeneração também de Brás Cubas, pois o personagem têm a intenção de casar com Nhã-Loló, porém a moça morre de febre amarela. Aqui podemos perceber a ironia do escritor pois “A associação temática entre febre amarela e regeneração é significativa: a epidemia de febre amarela de 1850 ajudou a aprovar a lei de abolição do tráfico de africanos no parlamento, pois o “infame comércio” era suspeito de haver introduzido o flagelo no país” (2003, pg.47). Portanto a o casamento com a moça seria uma associação com essa tentativa de retratação dos crimes cometidos pelo tráfico ilegal de escravos.

Deste modo, buscar alegorias históricas na obra de Machado parece ser uma chave de interpretação bastante produtiva, principalmente no que se refere ao paternalismo. No livro *A Casa velha*, podemos notar uma diferença em relação a esse tema, pois Dona Antônia não possui a autonomia quase absoluta de Valéria; aqui, ela é confortada. Depois do convencimento do padre com a mentira de incesto, o narrador da história revela o possível caso de incesto para Félix, com isso o rapaz se afasta de Lalau, o que deixa a moça devastada com a situação.

Quando o Padre retorna a casa velha, depois de cinco dias evitando o lugar, Lalau confronta o padre, e pede explicações em relação à mudança de atitude de Félix, chegando a questionar a legitimidade das intenções do rapaz. Durante a conversa, é revelado o motivo do afastamento do pretendente, motivo que deixa Lalau consternada, mas a moça aceita a explicação. Assim, na parte final do romance, o padre descobre uma carta do falecido ministro, que estava escrito: “Tenha confiança em mim, e ouça o que lhe digo. Não faça baralho, sossegue e não fale sempre no meu nome. Venha cá o menos que puder; e não pense mais no anjinho. Deus é bom” (p.112). Com isso, o padre se encontra e pede informações com a tia de Lalau, e compreende a situação, o ministro teve um caso com a mãe de Lalau, porém o filho morreu pouco tempo depois do nascimento. Com a notícia o padre confronta Dona Antônia que fica transtornada com a notícia da traição do marido e confessa a mentira. Quando o padre revela a verdade para Lalau, a moça rejeita Félix e todas as tentativas de convencimento para a retomada do projeto de casamento, o livro termina assim:

Lalau não cedeu nada à tia, nem a mim. Não cedeu nada ao filho de D. Antônia, que a foi visitar, e a quem não pôde ver sem comoção, e grande; mas resistiu. Afinal, oito dias depois, D. Antônia mandou aprontar a sege, e foi buscá-la.

— Uma vez aqui, verá que arranjamós tudo, disse-lhe ela.

Entrava já no espírito de D. Antônia um pouco de amor-próprio ofendido com a recusa. Lalau parece que a princípio não a quis acompanhar; nunca soube nem deste ponto, mas é natural que fosse assim. Consentiu, finalmente, e foi por um só dia; jantou lá e voltou às ave-marias. Voltei à casa delas, e instei novamente, ou só com ela, ou com a tia; ela mantinha-se no mesmo pé, e, para o fim, com alguma impaciência. Um dia recebi recado de D. Mafalda; corri a ver o que era, disse-me que o filho do segeiro, Vitorino, fora pedi-la em casamento, e que a moça, consultada, respondeu que sim. Soube depois que ela mesma o incitara a fazê-lo. Compreendi que tudo estava acabado. Félix padeceu muito com esta notícia; mas nada há eterno neste mundo, e ele próprio acabou casando com Sinhazinha. Se ele e Lalau foram felizes, não sei; mas foram honestos, e basta.²⁶

Por fim, outra obra que aborda a figura do agregado é *Dom Casmurro*²⁷, publicado em 1899. O livro volta a trabalhar com temas de outro romance, *Iaiá Garcia*. Machado evidencia os riscos que os agregados correm ao levantar a menor suspeita dos que detêm as prerrogativas senhoriais. Aqui, também o romance se passa em um tempo anterior ao da época do narrador da história, assim podemos perceber como o escritor interpreta as transformações históricas do passado, e como elas refletem nas relações pessoais entre as classes diferentes.

O narrador, Dom Casmurro, narra a história do final da década de 1890, e busca justificativas para o seu empobrecimento e decadência social. Assim, passa a revisar sua vida na esperança de encontrar explicações para sua situação presente. Não encontra outro motivo, senão no antagonismo com os seus dependentes, reinterpretando diálogos e situações, buscando a confirmação de suas suspeitas em várias cenas da infância. Assim, passa a atribuir à Capitu e os dependentes em sua volta malícias e intenções para confirmar uma narrativa já estabelecida, que era: quando era pequeno e ingênuo, não percebe os movimentos de Capitu, a falsidade e malícia ainda não eram seus conhecidos, por isso foi enganado, e por essa razão, não resta alternativa a não ser se colocar no lugar de vítima, e se queixar dos cuidados e proteções oferecidos a agregados mal agradecidos. Portanto, Bentinho não percebe as formas de resistência que Capitu utiliza no jogo de interesse que o favor é moeda de troca da sociedade paternalista, por isso ele toma essa resistência como falsidade. Assim, estavam colocados todos os perigos de cada situação cotidiana, e Capitu fica à mercê do julgamento de Bentinho e por essa circunstância não escapa de sua fúria e vingança implacável. (CHALHOUB, 2003, pg. 51)

²⁶ *Idem*, p.120-121.

²⁷ ASSIS, Machado. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

O livro começa a ser narrado na infância de Bentinho, com a conversa do agregado José Dias e Dona Glória, na qual o agregado lembrava a obrigação de seu filho entrar no seminário, pois antes de nascer, Dona Glória fez uma promessa, se o filho nascesse saudável, ele seria mandado para o seminário, iniciando seus estudos eclesiásticos para virar padre. A conversa é ouvida por Bentinho, que logo vai contar para Capitu as intenções de sua mãe. A garota rompe em improperios contra a dona da casa, chamando-a de “Beata! carola! papamissas”, Capitu é descrita como uma menina que não possui um vintém e sua família deve favores aos Santiago. É digno de nota, ressaltar a atitude da agregada, dizer desaforos para a mãe de Bentinho é uma atitude audaciosa e muito perigosa, Bentinho responde, fazendo um juramento e dizendo que não iria para o seminário, “por nada nesse mundo”, a moça também debocha dessa resistência de Bentinho, pois sabia que o filho era submetido à autoridade da mãe:

— Você? Você entra.

— Não entro.

— Você verá se entra ou não.

Calou-se outra vez. Quando tornou a falar, tinha mudado; não era ainda a Capitu do costume, mas quase. Estava séria, sem aflição, falava baixo. Quis saber a conversação da minha casa; eu contei-lha toda, menos a parte que lhe dizia respeito.

— E que interesse tem José Dias em lembrar isto? perguntou-me no fim.

— Acho que nenhum; foi só para fazer mal. É um sujeito muito ruim; mas, deixe estar que me há de pagar. Quando eu for dono da casa, quem vai para a rua é ele; você verá; não me fica um instante. Mamãe é boa demais; dá-lhe atenção demais. Parece até que chorou.

— José Dias?

— Não, mamãe.

— Chorou por quê?

— Não sei; ouvi só dizer que ela não chorasse, que não era cousa de choro... Ele chegou a mostrar-se arrependido, e saiu; eu então, para não ser apanhado, deixei o canto e corri para a varanda. Mas, deixe estar, que ele me paga!²⁸

Neste capítulo, Dom Casmurro descreve um perfil de estrategista de Capitu, a moça quer saber as circunstâncias e os tons da conversa, habilidades necessárias para os agregados lidarem com os seus senhores. Ao longo do livro, Capitu também se mostra muito curiosa, sempre fazendo perguntas para o padre professor de Bentinho. Diferente de Capitu, o jovem não entende os motivos de José Dias, e nem o motivo do choro de sua mãe, é incapaz de entender os motivos que desencadeiam as reações das pessoas. Capitu sugere que Bentinho use o agregado ao seu favor e lembra de um acontecimento envolvendo José Dias:

- Você não se lembra como é que foi ao teatro pela primeira vez, há dous meses? D. Glória não queria e bastava isso para que José Dias não teimasse; mas ele queria ir e fez um discurso, lembra-se?
- Lembra-me; disse que o teatro era uma escola de costumes.
- Justo; tanto falou que sua mãe acabou consentindo, e pagou a entrada aos dous... Ande, peça, mande...²⁹

Aqui, é relevado outras estratégias dos agregados, José Dias é um homem experiente e sabe que a negativa da viúva é suficiente para a não ida de Bentinho ao teatro, porém o agregado também quer ir ao passeio, por isso sua sabedoria. E faz um discurso para convencer a mãe do menino, é importante que a decisão sempre esteja nas mãos do senhor, essa autoridade é uma questão central no paternalismo. Com isso o agregado consegue seu objetivo, que é ir ao teatro de graça. Capitu logo percebe as artimanhas do agregado e pede para que Bentinho a use em seu favor. Assim, Bentinho consegue a ajuda do agregado, que tem plano para levá-lo à Europa. Mesmo com a negativa do menino, o agregado segue com seus planos, mas a vontade da mãe acaba prevalecendo e Bentinho inicia seus estudos para virar padre. No seminário acaba conhecendo Escobar, que resolve dar uma solução para o problema enfrentado por Bentinho, sugerindo que a sua mãe adote uma criança para ocupar seu lugar no seminário. A proposta é aceita e Bentinho sai do seminário para virar Bacharel.

Quando volta Bacharel, casa-se com Capitu e tem um filho. Também mantém a amizade com Escobar, o seu amigo que se casa com Sancha, amiga de Capitu. Os dois casais mantêm uma amizade próxima. Escobar morre ao nadar no mar e nessa cena acontece o início da suspeita de traição entre seu amigo e sua esposa. Chalhoub resalta a importância da data, o ano era 1871:

Dom Casmurro, o narrador do romance, é concebido em março de 1871 — logo após a subida ao poder do Gabinete Rio Branco, que aprovaria a Lei do Ventre Livre —, no exato instante em que os olhos de ressaca de Capitu tragam o cadáver de Escobar, provocando a suspeita de adultério no herdeiro dos Santiagos (DC, cap. cxxiii). Além de Escobar, portanto, é Bentinho quem morre nesse momento. Aqui, mais uma vez, o drama doméstico relatado é metáfora política. Torturado pela derrota política cujo maior símbolo talvez tenha sido a aprovação da lei de 1871, procurando refletir sobre semelhante experiência dentro dos hábitos de pensamento da classe senhorial, Dom Casmurro empunha a pena para demonstrar que fora vitimado pela ingratidão dos dependentes.³⁰

29 *Idem*, p.830.

30 CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.51.

O crítico considera a lei do ventre livre como fator primordial para uma transformação nas relações paternalistas, pois a lei coloca uma data limite para o fim da escravidão no país, e como todo o sistema econômico dependia do trabalho compulsório para se sustentar, ao determinar um fim, mesmo que distante, da escravidão, as relações sociais também passam a se reestruturar de outras maneiras. No livro *Dom Casmurro*, observamos a decadência dessas estruturas paternalista. Assim, Dom Casmurro, acusa e condena a sua mulher e o filho ao exílio, por capricho, e faz valer sua vontade soberana.

2.1-A permanência das relações paternalistas na narrativa contemporânea

As narrativas de Machado de Assis retratam um Brasil do século XIX, onde o sistema político e econômico tinha suas complexidades próprias, com grandes diferenças do Brasil atual, porém muitos desses costumes continuaram ao longo dos anos e continuam permanecendo no período atual. A obra de Machado ainda encontra ressonância no Brasil atual, e uma das narrativas do Brasil contemporâneo que aborda temas trabalhados pelo escritor, é o filme *Que horas ela volta?* de 2015, dirigido e escrito por Anna Muylaert e produzido pela Globo Filmes.

O filme teve grande popularidade no Brasil e também no exterior, rendendo diversos prêmios. O longa metragem aborda assuntos fundamentais da sociedade brasileira, como o relacionamento entre classes diferentes no ambiente privado familiar e as relações de poder. O enredo apresenta muitas semelhanças com a obra de Machado de Assis, pois ambos retratam as relações pessoais entre duas classes diferentes no mesmo ambiente, e como essas relações ao mesmo tempo que geram afetos, também infringem direitos básicos da classe menos favorecida. É importante perceber como a permanência de costumes influencia na vida privada brasileira, e entender as mudanças históricas que podem trazer transformações para essas relações.

A história da obra cinematográfica retrata a vida da personagem principal, Val (Regina Casé), uma empregada doméstica que deixa sua filha em Pernambuco para cuidar do filho dos seus patrões, eles vivem em um bairro de classe média de São Paulo. O núcleo familiar é

composto por D. Bárbara (Karine Teles), uma mulher dedicada ao trabalho, seu marido, Dr. Carlos (Lourenço Mutarelli), um artista ocioso, herdeiro de uma grande fortuna. Aqui, podemos relacionar a vários personagens masculinos de Machado, pois em toda a trama, ele é um personagem de segundo plano, que não entra em conflito e não exerce sua autoridade de forma ostensiva, porém ele é o detentor da riqueza e a figura essencial que legitima esse sistema. A escolha do filme em destacar a figura feminina com a “vilã” da trama, e esconder o personagem masculino é bastante interessante, pois torna complexa as relações de poder, como Machado também representa em sua obra. O paternalismo é um sistema que precisa da figura masculina para se estabelecer, pois a vontade do senhor é soberana, mas as mulheres também têm um papel importante para a manutenção desse sistema. Os valores tidos como tradicionais são a base de argumentação para a defesa feminina do paternalismo, ao escolher a figura de D. Bárbara para representar essa defesa do paternalismo, o longa metragem passa uma impressão de personagem de Dr. Carlos parecido com a figura de Bentinho, pois ambos não são considerados os vilões de suas respectivas obras, ao mesmo tempo que são necessários para legitimar o paternalismo. O último componente da família é Fabinho (Michel Josias), adolescente que foi cuidado desde criança por Val, tendo uma forte relação de afeto e cumplicidade com a empregada; ele é a figura que torna complexa essa relação, pois Val muitas vezes assume o papel de mãe para Fabinho, tornando a relação de trabalho impessoal em uma relação de afeto, acorrentando todos os participantes dessa ligação.

O início do filme estabelece as relações entre os personagens, destacando principalmente as interações com a Val, assim podemos perceber que a empregada é parte fundamental para o funcionamento da casa, ela é o elo de ligação entre os patrões e os outros funcionários da casa. A personagem de Val tem bastante experiência no tipo de relação de poder que acontece dentro da casa, sabe seus limites e como satisfazer a vontade do patrão, assim, quando recebe uma ligação de sua filha, falando que iria morar com ela um tempo em São Paulo, para fazer o vestibular da USP, compra um presente para D. Bárbara e pede um favor, que sua filha fique por um tempo na casa dos patrões. A patroa aprova o pedido e ainda chega a dizer que Val é praticamente da família, mesmo tendo ignorado o presente da empregada pouco tempo antes.

O ambiente que Val ocupa é um comum cômodo na arquitetura brasileira, o quarto da empregada, o lugar em que ela passa a noite é pequeno, escuro e sem janelas, um lugar com remanescentes da senzala. Esse seria o quarto onde dormiria sua filha (Camila Márdila). Depois do encontro entre as duas, no momento seguinte, Jéssica já questiona a sua mãe sobre

o lugar onde ambas iriam dormir. Quando fica sabendo que seria a casa dos patrões, observamos que a reação da menina é de desaprovação: fica estabelecido seu papel questionador desde de o início. Logo depois, quando a garota conhece os patrões da sua mãe, ela se mantém em um nível de igualdade, sem bajulações e fazendo diversas perguntas. Quando percebe que iria dormir no quarto de empregada com sua mãe, a moça busca logo uma alternativa, quando saí para ver o restante da casa com os patrões, eles mostram os quartos de hóspedes, ocorre um comentário pertinente de Jéssica, a casa possui quartos disponíveis, bem melhores que o da empregada, assim não haveria uma justificativa para a sua mãe morar naquele quartinho. O comentário passa despercebido ou ignorado. No momento seguinte, percebemos que Jéssica possui uma característica em comum com outra protagonista de Machado, Capitu, ambas conseguem ler bem o ambiente e as reações das outras pessoas, com isso a moça logo consegue a permissão para dormir no quarto, quando apela para a autoridade do dono da casa, Dr. Carlos, o qual concede o seu pedido. Aqui percebemos uma das únicas ocasiões onde ele exercesse sua autoridade e com isso a moça consegue ficar no quarto de hóspedes.

Na parte final da história, a narrativa começa a mostrar os conflitos entre Jessica com a mãe e também com a D. Bárbara, onde aparece uma diferença fundamental com a obra de Machado, devido às transformações históricas ocorridas no Brasil ao longo do século XX: a condição de agregado deixou de ser uma classe social, pois inúmeras atividades econômicas surgiram ao longo do século passado. Sendo assim, o país começou a precisar utilizar essa mão de obra, porém a figura da empregada doméstica é uma profissão onde essas transformações não causaram impacto, percebemos isso na figura da Val, ela permanece na mesma profissão, morando no mesmo lugar, aceitando um tratamento diferenciado, sem alternativas para um mudança. A filha, através do conhecimento e reflexão, cita a influência do professor de história na sua vida, percebe todos os desequilíbrios das relações e encara o conflito, primeiro com sua mãe e depois com a D. Bárbara.

Depois de inúmeros conflitos, Jessica e a mãe decidem procurar um novo lugar para morar, porém não conseguem se mudar para o local, por isso voltam para a casa dos patrões. Nesse momento a moça perde o privilégio do quarto de hóspedes e fica com sua mãe no quarto da empregada. No local acontece uma fala interessante da garota, ela compara a situação de sua mãe com os cidadãos de segunda classe da Índia. Logo após D. Bárbara ver a moça tomando o sorvete que deveria ser do seu filho, pois na casa haveria o sorvete dos patrões e dos empregados e a menina não estava autorizada a tomar o mesmo sorvete dos

patrões, a patroa faz um comentário maldoso, logo depois a madame fala para Val não permitir que sua filha fique frequentando os aposentos da casa, essa foi a gota d'água para a garota, depois disso, Jéssica sai da casa dos patrões.

O final do filme mostra Jéssica passando para o vestibular, enquanto Fabinho reprova e vai para Austrália. Val finalmente confronta Dona Bárbara e pede demissão, vai virar massagista, e com isso atualiza as relações de trabalho, saindo da dependência da família dos patrões. Na cena final ela ainda traz o seu neto para São Paulo, quebrando o ciclo de afastamento de familiares por causa do trabalho.

Considerações Finais

Com a análise das narrativas do século XIX, percebemos como as relações pessoais eram construídas durante o Império, e as diferenças de personalidade e ações que o agregado poderia assumir em relação ao seu senhor. As transformações históricas que o Brasil passou durante o Império influenciam nesse sistema, e Machado de Assis soube demonstrar através da literatura essas transformações.

A narrativa contemporânea capta bem um processo nacional único, a relação da família com a empregada doméstica, a História não é feita só por transformações e revoluções. Grande parte dela são questões de tradição e permanência de costumes, ao analisarmos a figura do agregado na obra de Machado de Assis, percebemos semelhanças com o filme *Que horas ela volta?*, podemos constatar como a sociedade paternalista ainda sobrevive nos meandros de algumas casas.

A personagem da empregada doméstica, apresenta semelhanças com a figura do agregado, Val como as outras agregadas que aparecem na obra de Machado de Assis, estabelecem relações de afeto com pessoas de classe superior. Diante disso, a relação inicialmente se apresenta com um aspecto afetuoso e com isso diminui as desigualdades que as posições sociais diferentes geram. Por essas relações que ocorrerem no ambiente familiar, há uma espécie de vontade senhorial para integrar o agregado e a empregada doméstica dentro da família. Portanto essa atitude de “benevolência” da classe superior acaba escondendo toda a tensão e conflito que uma relação vertical de poder geraria na sociedade brasileira. Mesmo quando os subalternos têm a consciência da desigualdade que essa relação gera, os caminhos de resistência e confronto estão inacessíveis no Brasil do século XIX.

Já no Brasil contemporâneo, Val também se encontra em uma situação semelhante, pois seu trabalho não é guiado por nenhuma ideologia burguesa, ela não é livre para a exploração do livre mercado e também não pode empregar a sua mão de obra em outro lugar, pois a relação de afeto que ela vive com a família dos patrões acaba aprisionando-a em vínculos sentimentais. Por esse motivo Val aceita essas relações que sobreviveram durante séculos no Brasil. Ela apesar de ser considerada parte da família, vive no pior quarto da casa, não come junto com os patrões e não pode tomar nenhuma decisão importante que contrarie a vontade de seus patrões.

Além de levantar as semelhanças, é importante observar as diferenças, as opções disponíveis agora que não estavam na época que Machado escreveu seus romances, o filme com sua abordagem realista, ou seja, o filme representa algo que encontra correspondência com a realidade, mesmo se tratando de uma história de ficção, ajuda a compreender as relações sociais do Brasil contemporâneo, ao mesmo tempo que mostra outras alternativas para as classes sociais menos favorecidas.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas** – Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005

ARISTÓTELES, **Poética**. São Paulo: Contexto, 1988, p.144.

ASSIS, Machado de. **Casa Velha**. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994.

_____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. I, 2008.

_____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. II, 1993

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 17-39

_____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GLEDSON, John. "A parasita azul": ficção, nacionalismo e paródia. **Cadernos de Literatura Brasileira**, números 23 e 24, Julho de 2008. São Paulo: Instituto Moreira Salles.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2012.

SLENES, Robert W. Senhores e subalternos no Oeste Paulista. In: **História da Vida Privada no Brasil- Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA Dayane Rose. **Trabalho doméstico no Brasil: os avanços trazidos pela Lei Complementar 150/15**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/40811/trabalho-domestico-no-brasil-os-avancos-trazidos-pela-lei-complementar-150-15> Acesso 11 dez 2018

Que Horas Ela Volta? Direção de Anna Muylaert. Produção de Fabiano Gullane, Caio Gullane, Debora Ivanov e Anna Muylaert. Roteiro: Anna Muylaert, 2015. (111 min), color.